

RUBEM BRAGA

## CARTAZ

**P**LUFT, O FANTASMINHA, a peça de Maria Clara Machado que tanto apaixonou as crianças, vai ser levada em breve em Buenos Aires. «As mãos de Euridice», de Pedro Bloch, está há meses e meses produzindo enchenetes. Mas o autor brasileiro em foco, neste momento, na Argentina, é Guilherme Figueiredo — porque o êxito de «A raposa e as uvas» redundou em escândalo.

A história vem contada no último número, datado de 12 de agosto, da revista «Esto Es». Montada pelo conjunto independente «Casacuberta» no Teatro Candilejas, «La zorra y las uvas» estreou em abril. A embaixada brasileira entrou com 5 mil pesos (uns 12.500 cruzeiros) e o secretário da embaixada Pedro Sousa Braga emprestou à companhia, organizada como cooperativa, mais 13 mil pesos — é o que está na revista. Tratava-se de ajudar uma iniciativa cultural de resultados financeiros problemáticos. E tudo teria ido muito bem... se a peça não fizesse sucesso. Um sucesso que a revista chama de «fulmineo, duradero y voluminoso».

Os críticos e o público — acrescenta a revista, coincidiram em afirmar que a peça e a sua montagem resultaram em um espetáculo de categoria invulgar. No fim de três meses tinham sido vendidos 180 mil pesos de entradas (coisa de 450 contos para cima). O dono da sala, que teria direito a 50 por cento da renda bruta, concordou em receber apenas 40 por cento. Foi a essa altura que começou a brigar um tal senhor Gallo, filho de um famoso empresário do mesmo nome, decidiu que a cooperativa era sua... Resolveu repor os 13.000 pesos do secretário Pedro Braga em entradas que lhe fornecia para ele convidar gente, isso sem avisar nada aos colegas de cooperativa. Pagou só pela metade ao autor da música. E passou a achar que os artistas estavam ganhando demasiado.

Resultado: onze dos doze artistas (incluindo o diretor artístico) entraram em divergência com o sr. Gallo; quatro indivíduos invadiram o teatro a mando deste; a polícia entrou no meio, e a peça saiu do cartaz. O sr. Gallo quis organizar outro conjunto para continuar levando a peça, mas o tradutor, Eduardo Borrás, decidiu ficar ao lado dos artistas que, no momento, não dispõem de teatro.

Não sei, naturalmente, se esses detalhes são exatos; naturalmente o sr. Gallo tem uma história diferente para contar, ou cantar. O fato é que a peça teve de ser retirada quando seu sucesso era maior. O nosso Guilherme saiu do cartaz do Candilejas, mas está em pleno cartaz na imprensa. Ora, pois, abracemo-lo.